

OS DESAFIOS DAS PRÁTICAS DIGITAIS NO ENSINO DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19: RECONFIGURAÇÃO DO PROFISSIONAL DA EDUCAÇÃO

Aline Moreira da Fonseca Nascimento*
Elisângela Ladeira de Moura Andrade**
Anair Valênia Martins Dias***

Resumo: Este artigo objetiva apresentar os resultados de uma investigação sobre os desafios das práticas digitais no ensino remoto durante a pandemia da covid-19, analisando a reconfiguração do profissional da educação. Foram consideradas duas reportagens do G1, portal de notícias mantido pelo Grupo Globo, dos meses abril e junho de 2020, referentes aos estados de Goiás e Distrito Federal, buscando verificar os relatos de professoras/es sobre as experiências e os desafios com o ensino à distância e com os recursos digitais durante a pandemia. Para ampliar o entendimento acerca da temática, foram consultados os estudos de Andrade e Dias (2023), Franco (2016), Kalantzis, Cope e Pinheiro (2020), Moran (2020), Ribeiro (2018), Valênia (2020) e outras/os.

Palavras-chave: Covid-19. Ensino remoto. Formação docente. Letramento digital.

THE CHALLENGES OF DIGITAL PRACTICES IN EDUCATION DURING THE COVID-19 PANDEMIC: RECONFIGURATION OF THE EDUCATION PROFESSIONAL

Abstract: This article aims to present the results of an investigation into the challenges of digital practices in remote teaching during the covid-19 pandemic, analyzing the reconfiguration of the education professional. Two reports from G1, a news portal maintained by Grupo Globo, from April and June 2020, referring to the states of Goiás and Distrito Federal, were considered, seeking to verify the reports of teachers about the experiences and challenges with teaching at distance and digital resources during the pandemic. To broaden the understanding of the topic, studies by Andrade and Dias (2023), Franco (2016), Kalantzis, Cope and Pinheiro (2020), Moran (2020), Ribeiro (2018), Valênia (2020) and others were consulted.

Keywords: Covid-19. Remote teaching. Teacher training. Digital literacy.

Introdução

As Novas Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (NTDICs) vêm, há alguns anos, aumentando as possibilidades de transformação do modo de ensinar e aprender, dentro e fora da escola. Estudantes em todo o mundo, principalmente as/os mais novas/os, possuem tanta familiaridade com a tecnologia que a tradicional aula expositiva com o uso de livro didático, quadro

(ou lousa) e giz (ou pincel) tornou-se desinteressante, já que, por assim dizer, tornou-se obsoleta. Porém, o uso das NTDICs na educação requer um processo de formação docente, pois não basta tão somente usar recursos tecnológicos em sala de aula, sua utilização precisa ser consciente e intencional, com o objetivo de facilitar a aprendizagem.

Ribeiro (2018) afirma que o uso da tecnologia na educação pode tornar o aprendizado mais fácil e mais eficiente. Porém, para que isso ocorra, é necessário ajustar as tecnologias aos propósitos, senão seu uso não fará sentido. Entre narrar e mostrar determinados processos, dentro das disciplinas escolares, há uma grande diferença. E o uso de ferramentas digitais na sala de aula, dentre outras coisas, permite essa visualização, que é importante para determinados temas. A comunicação visual pode potencializar o modo de aprender, pois aguça mais um sentido (visual), colaborando no processo mental responsável pelo aprendizado. Além desse sentido, a tecnologia também é capaz de aguçar diversos outros, como tato, audição, juntos ou intercalados, proporcionando uma aprendizagem eficaz.

Disso trata a pedagogia dos multiletramentos, que, ao pluralizar o termo 'letramento' por meio da multimodalidade e da multiculturalidade, previu uma forma de ensinar que vai além do tradicional letramento alfabético¹, valorizando o uso de mais de um modo em um texto (seja verbal ou não verbal) ou em um evento de construção de significados, também chamados de semioses (Kalantzis; Cope; Pinheiro, 2020).

Em 2020, a população mundial foi surpreendida por uma pandemia que modificou o modo de viver, de trabalhar e de estudar. Para muitos, o trabalho foi readaptado, a rotina foi transformada e a escola passou a desenvolver seu trabalho na modalidade virtual. Tal modalidade acarretou uma série de dificuldades, já que muitas/os estudantes carentes não tinham internet ou tinham internet de baixa qualidade, faltando aparelhos celulares e computadores para acompanhamento das atividades, além de existir, ainda hoje, um despreparo com o uso da tecnologia por parte das/dos estudantes e de suas famílias. Houve

¹ O letramento alfabético tomava a alfabetização como limite e valorizava os modos grafocêntricos de significado, consistindo em ensinar o indivíduo a ler e escrever a partir das letras do alfabeto (Corrêa, 2001).

também muitos desafios na prática educativa para as/os professoras/es, que precisavam desenvolver suas aulas com muita criatividade e dedicação, fazendo uma série de adaptações.

A/O profissional da educação teve, então, que reconfigurar sua prática. E, por mais que anos antes já se falasse do uso das NTDICs na educação, foi possível perceber que grande maioria da comunidade escolar não estava preparada para sua real inserção no modo de ensinar. Ainda assim, professoras/es passaram a gravar as aulas em casa, utilizando ferramentas como *WhatsApp* (aplicativo de mensagens) e *Google Classroom* (plataforma gratuita que auxilia professoras/es, estudantes e escolas com a realização de aulas virtuais; por meio dela, as turmas podem comunicar-se e manter as aulas à distância mais organizadas, dentre outras vantagens). As aulas tinham momentos assíncronos e síncronos, por meio de plataformas como *Google Meet* e *Microsoft Teams*, as quais de fato transferiram as salas de aula físicas para virtuais. Dessa forma, estudantes, mães, pais e comunidade escolar tiveram que lidar com as tecnologias, mesmo não estando preparadas/os para isso.

Esse cenário desafiador abriu um leque de reflexões sobre a prática docente no tempo de pandemia. Pesquisas citadas pelo *site G1*, em abril e julho de 2020², apontaram que, mesmo com prejuízos nos estudos, a melhor forma de conduzir as aulas (desde a educação infantil à educação superior) seria remotamente, a fim de que as/os estudantes pudessem cumprir com o isolamento social, uma das medidas tomadas para a não disseminação do vírus da covid-19 (do inglês *coronavirus disease*). Para os indivíduos com acesso mínimo ou nenhum acesso às tecnologias, atividades impressas foram produzidas e encaminhadas às famílias para que tivessem a oportunidade de participar desse processo, que, desde o início, mexeu com especialistas da área da educação de todas as esferas. Tais especialistas buscaram adequações e mais qualidade de ensino, mesmo que o trabalho docente fosse desenvolvido nessa situação de Regime Especial de Atividades Não Presenciais (Reanp).

² Disponíveis em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2020/04/15/educacao-a-distancia-em-tempos-de-pandemia-veja-relato-de-estudantes-e-professores-do-df.ghtml> e <https://g1.globo.com/go/noticia/2020/07/06/professoras-falam-sobre-adaptacao-para-dar-aulas-virtuais-durante-pandemia-e-citam-incertezas-e-improvisos.ghtml>. Acesso em: 02 jun. 2023.

Algo a se considerar como relevante, e um dos principais legados desse período pandêmico, é que as mudanças exigidas da prática docente criaram, nas pessoas envolvidas com o processo educacional, a expectativa de que seria gerada “uma transformação profunda que leve[asse] em conta o uso de novas ferramentas tecnológicas e metodologias de ensino (Junqueira; Andreucci, 2022, p. 80), bem como promovesse nos sujeitos uma “ressignificação na forma de compartilhamento dos saberes, com ambiências promotoras de ensinamentos cativantes e focados na certeza de que as incertezas existem e assim podem ser refletidas, criticadas e transformadas” (Junqueira; Andreucci, 2022, p. 80). Embora também seja de consenso geral que, em se tratando de tecnologia, “o ciberespaço não é tão democrático quanto parece, havendo uma grande parcela da população que está excluída desse ambiente ou que dele participa de forma muito periférica” (Paula, 2022, p. 100).

Foram verificadas duas reportagens do G1, portal de notícias mantido pelo Grupo Globo, dos meses abril e junho de 2020, referentes aos estados de Goiás e Distrito Federal, a fim de problematizar a discussão em torno do preparo ou não preparo das/os profissionais da educação para adequarem suas práticas pedagógicas à realidade imposta pela pandemia e também à atual realidade digital em que vivemos.

Para tanto, sabemos que seria (e é) necessário avançar das práticas tradicionais de letramento para o ‘letramento digital’, que, conforme Dudeney, Hockly e Pegrum (2016, p. 17), são “habilidades individuais e sociais necessárias para interpretar, administrar, compartilhar e criar sentido eficazmente no âmbito crescente dos canais de comunicação digital”.

Não se pretende, aqui, fechar conclusões acerca do ensino remoto com o uso de tecnologias com base nos relatos citados nas reportagens do G1, mas sim problematizar a discussão acerca da temática do letramento digital necessário às/aos profissionais da educação, partindo dos fatos oriundos da experiência de professoras que viveram o desafio das aulas no modo virtual, em tempo pandêmico.

1 Os desafios impostos pela modalidade de ensino remoto

Com a pandemia, professoras/es de todo o mundo tiveram que adaptar suas aulas, reorganizar e experienciar formas de ensino remoto. Os telefones celulares, que muitas vezes não podiam fazer parte dos recursos utilizados por professoras/es e estudantes em sala de aula, tornaram-se grandes aliados. Docentes e estudantes passaram a estar conectadas/os por muitas horas durante o dia, vivendo essa experiência de aulas remotas e virtuais. Do lado das/os docentes, eram constantes as tentativas de que as/os estudantes ligassem as câmeras, participassem ativamente das aulas, enquanto que, do lado das/os estudantes, havia muita timidez, o que prejudicava a aprendizagem e a interação docente/estudante e entre as/os próprias/os estudantes, fazendo com que perdessem muito em relacionamento interpessoal.

Muitas/os docentes, acostumadas/os com seu quadro de giz ou lousa, viram-se de repente em frente à tela do celular ou computador para transmitir os conteúdos, conversar com as/os estudantes, receber fotos das atividades realizadas. Ou seja, realizar todas as atividades corriqueiras de uma sala de aula presencial que, abruptamente, migrou para sala virtual. Entre internet de baixa qualidade, falta de acesso, aparelhos celulares ou computadores, muitas vezes, também de baixa qualidade, estudantes de vários locais do mundo tiveram que buscar alternativas para ter aulas, já que as atividades presenciais foram suspensas de forma tão inesperada.

Este período escancarou também a extrema desigualdade de acesso ao digital e de condições de estudo e pesquisa na maioria das residências. Reforçou a necessidade de termos uma política pública que agilize a infraestrutura digital nas escolas, a formação docente em competências digitais e que o acesso individual e familiar à Internet seja considerado um direito fundamental do século XXI como ter água, esgoto e energia. Ensinar e aprender hoje sem o digital é privar os estudantes de oportunidades ricas para vivenciar dimensões importantes para sua vida pessoal, profissional e social (Moran, 2020, n. p.).

Infelizmente, não houve tempo para cursos de formação docente, nem reuniões com as/os responsáveis pelas/os discentes para comunicar como seria todo o processo. Todas/os da comunidade escolar passaram a viver, um dia após o outro, com uma doença desconhecida e um trabalho exaustivo e, muitas vezes, de pouco resultado.

Conforme Valênia (2020),

A internet e a cibercultura fazem parte do cotidiano dos sujeitos e medeiam, em certo aspecto, as relações estabelecidas socialmente. As formas de expressão modificam-se e a linguagem tem que buscar formas outras para se ajustar a esse processo. Logo, são criados espaços que conseguem adequar-se às características contemporâneas dos sujeitos, ao imediatismo relacional [...] à falta de tempo para ler, ver ou mesmo decodificar (Valênia, 2020, p. 48).

Nessa perspectiva, podemos dizer que as/os docentes, no período pandêmico, de março de 2020 ao segundo semestre de 2021, tentaram ajustar a proposta escolar e melhorar continuamente o sistema de ensino *on-line* ou remoto³ em todas as escolas do Brasil. Foram feitas *lives* (programações virtuais ao vivo) para problematizar as questões que estavam sendo vivenciadas por professoras/es desde a educação infantil até o ensino superior. A educação passou a depender do que era proposto pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e o retorno às aulas presenciais ou o estabelecimento de uma modalidade híbrida (com algumas/uns estudantes presentes na escola de forma escalonada) ocorreria somente com a devida autorização jurídica e documentação legal, de modo que não fosse colocada em risco a saúde de toda a comunidade escolar e seus familiares.

Diante dos desafios apontados, pretendemos, neste artigo, verificar relatos de quem viveu essa experiência e, por meio deles, buscar refletir sobre a preparação docente para prática do ensino *on-line* ou ancorado por tecnologias digitais. Tais desafios trouxeram muitos aprendizados que não podem jamais ser esquecidos, pelo contrário, devem ser revistos e aprimorados para que sejam aplicados na atualidade, tanto no ensino remoto, *on-line*, quanto no presencial, uma vez que diversas estratégias eficazes, com o uso das NTDICs, foram descobertas e/ou desmistificadas.

³ O ensino *on-line* é planejado para o meio virtual, à distância, enquanto que o ensino remoto é uma adaptação do ensino presencial. Apesar dessa diferenciação, diversos autores usam o termo '*on-line*' para tratar da modalidade de ensino remoto emergencial que surgiu após o início da pandemia. Dessa forma, usaremos os termos como sinônimos, ancoradas nas teorias dos autores citados.

Em uma das reportagens do G1, uma psicopedagoga afirmou que o ensino a distância era importante para manter, pelo menos, parte da rotina, bem como estimular e ativar as funções cerebrais que auxiliam no aprendizado. Profissionais procuraram levar em consideração as situações diversas, tais como professoras/es que precisavam adequar sua prática, estudantes sem acesso à internet, computador ou celulares, dentre outras questões que inquietaram a comunidade de mães, pais, estudantes e profissionais da área da educação como um todo.

As escolas trabalharam com o sistema *on-line* durante praticamente todo o ano de 2020. Entretanto, no início de 2021, mesmo com um cenário de alta nos casos de contaminação pelo novo coronavírus, pensou-se na possibilidade de um ensino híbrido, com aulas simultaneamente remotas e presenciais e poucas/os estudantes na modalidade presencial, respeitando o protocolo de biossegurança. Famílias de todo o Brasil dividiram-se a esse respeito: algumas achavam certo a volta às aulas de forma escalonada, respeitando os protocolos de segurança estabelecidos pela OMS, ao passo que outras não se sentiam seguras em levar suas/seus filhas/os para a escola.

Dentre todas as incertezas que a pandemia nos trouxe nas mais variadas esferas, seguiu-se um cenário educativo instável no que se referia às tomadas de decisão. Enquanto isso, estudantes e seus familiares e comunidade escolar seguiam o caminho na tentativa de não terem grandes perdas no processo ensino-aprendizagem.

Professoras/es de todo o Brasil passaram a fazer vídeos das suas explicações e enviá-las pelo *WhatsApp*, além de utilizar gravações de áudios explicativos, mensagens de texto, explicações de conteúdos pelo *YouTube* (site de compartilhamento de vídeos enviados pelos usuários) e plataformas digitais, dentre outros recursos. Congressos e palestras em canais abertos de televisão passaram a ser recorrentes para algumas pessoas, além de *lives* para a formação de professoras/es e discussões sobre aulas remotas/*on-lines*.

Muitas escolas, na tentativa de não perderem o contato com estudantes e suas/seus responsáveis, agendaram reuniões e aulas por meio de encontros virtuais, utilizando as salas do *WhatsApp*, *Google Meet* (serviço de comunicação por vídeo desenvolvido pelo *Google*) e *Zoom* (plataforma de videoconferência

que possui diversas funcionalidades, como compartilhamento de tela, gravação de *webinars*, acesso via telefone e *upload* de reuniões).

Apesar de ser evidente o despreparo das/os profissionais da educação para ministrar aulas remotamente, tentando reproduzir nessa modalidade as tradicionais práticas de ensino, muitas/os profissionais da educação não mediram esforços para atender a demanda, o que requeria dedicação e muitas horas de trabalho. Mas trabalhar com tecnologias exige preparo. Não adianta ter técnicas novas com um ensino tradicional, que não seja capaz de impulsionar a/o estudante a pensar e refletir sobre determinado tema ou conteúdo, haja vista que o processo ensino-aprendizagem mudou e o novo paradigma nos coloca a refletir sobre uma prática permeada por multiletramentos.

[...] professores que privilegiam a transmissão de conteúdo, tornam o processo cansativo, insuportável e pouco produtivo para todos. O problema não está no online, está em privilegiar a transmissão de informações longas, quando é possível combinar informações curtas, atraentes com desafios, projetos, criatividade (Moran, 2020, n. p.).

O autor afirma, ainda, que o problema não está no ambiente *on-line*, mas “na falta de autonomia na formação de cada estudante, na deficiência de domínio das competências básicas (saber pesquisar, analisar, avaliar...) e também na gestão paternalística das aulas, da forma de ensinar” (Moran, 2020, n. p.). Isso porque, tradicionalmente, o ensino é tratado como uma receita pronta, com pouca autonomia, participação e envolvimento das/os estudantes.

É importante propiciar à/ao estudante os processos de recepção e produção dos gêneros digitais tão utilizados nos últimos tempos. Mesmo diante da gama de dificuldades enfrentadas, é de fundamental importância que a/o profissional estude, pesquise, discuta com outras/os professoras/es e adote práticas que venham favorecer e subsidiar os conteúdos didáticos e toda a prática de sala de aula, mesmo que a sala de aula seja virtual.

3 Relatos e discussões sobre as aulas remotas em Goiás e no Distrito Federal

No contexto do Reanp, as/os docentes tiveram que se reinventar e aprender novas estratégias de ensino para darem continuidade ao seu trabalho. A fim de verificar os reais desafios enfrentados por elas/es, fizemos uma busca na internet, considerando somente a ocorrência de *sites* confiáveis, de reportagens que tratassem da temática, utilizando o descritor “desafios da docência durante a pandemia”. Encontramos, nas reportagens do G1 – portal de notícias brasileiro mantido pelo Grupo Globo, alguns relatos de professoras/es a respeito dos desafios que enfrentaram na pandemia ao exercerem seu trabalho utilizando recursos digitais. As ferramentas, outrora usadas apenas para entreter e se comunicar, transformaram-se em recursos didáticos cruciais para a aprendizagem. As salas de aula em formato de reunião virtual constituíram um desafio enorme para muitas/os profissionais da educação.

Segundo relatos de professoras do Distrito Federal, podemos observar as dificuldades com a modalidade de ensino remoto. Afirmam a professora do ensino fundamental, Professora 1, a respeito do uso de tecnologias na sua prática docente: “A experiência está sendo desafiadora. Tem hora que dá vontade de desistir, mas a gente não pode desistir, né?”. A professora afirma, ainda, que o desafio é lecionar ao vivo pela internet. Comprou um quadro branco para usar como apoio na sua prática e pensou diversas vezes em desistir.

Relatos de docentes que tiveram que fazer investimentos pessoais em materiais de apoio para suas aulas *on-line* ou remotas eram comuns durante todo o período do Reanp. Acostumadas/os a dar aula em pé, andando pela sala, usando como apoio o quadro, livros didáticos, materiais impressos e, como recurso digital no máximo um projetor multimídia, repentinamente as/os docentes se viram obrigadas/os a migrar para o ambiente virtual, totalmente tomado por recursos digitais, sentadas/os em suas próprias casas na frente de computadores ou celulares, filmadas/os por uma câmera e com estudantes nas mesmas condições. Um desafio enorme que, por vezes, só era possível de se realizar com a ajuda de itens de apoio, que remetessem ao ambiente não digital, e cada docente foi se adaptando, encontrando a melhor maneira de trabalhar, encontrando os melhores materiais para utilizar.

A esse respeito, temos, no relato a seguir, outra professora que considerou indispensável o uso do quadro, uma metodologia muito aplicada nas

aulas presenciais e que, conforme os relatos, serviu de recurso didático também para as suas aulas *on-line*.

Uso o quadro branco para explicar alguma ideia ou detalhar de forma mais minuciosa, desenhar para o aluno entender melhor, porque quando a gente está em contato presencial, ali é uma relação e uma comunicação mais estreita (Professora 2, 2020).

Muitas/os professoras/es adquiriram material para desenvolver seu trabalho em casa, sempre no intuito de aprimorar sua prática nas aulas *on-line*. Porém, podemos afirmar que um dos grandes motivos disso foi a falta de preparo dessas/es profissionais no que concerne ao mundo digital. Nesse relato, percebe-se a preocupação da professora em explicar utilizando um recurso de sala de aula presencial, para que este seja um facilitador durante as explicações. O quadro, tão utilizado nas escolas, oferecia maior tranquilidade para essa professora e para tantas/os outras/os.

Conforme a citação de Moran (2020), muitas/os professoras/es tentaram transpor a sala de aula presencial para a *on-line*, sem mudança nas metodologias. Importante salientar que, atualmente, com a inserção das/os estudantes nas NTDICs, até o ambiente de ensino presencial requer o uso de novas ferramentas, ainda mais o ambiente de ensino virtual.

Não se trata, conforme afirma Franco (2016), de sobrepor a técnica ao humano, pois ela não é produtora das práticas. Há, portanto, a mediação do humano, e não sua submissão a um artefato técnico previamente construído. “[...] uma prática pedagógica, em seu sentido de práxis, configura-se sempre como uma ação consciente e participativa, que emerge da multidimensionalidade que cerca o ato educativo” (Franco, 2016, p. 536). Assim, o uso da técnica é extremamente relevante, mas jamais em detrimento ao trabalho do/a professor/a, quem media o processo de aprendizagem.

Durante a pandemia, foi importante usar a tecnologia a favor da educação (por exemplo, baixando aplicativos e aprimorando técnicas de produção de vídeos), a fim de se alcançar bons resultados de aprendizagem. Foi necessário “refletir sobre as interações digitais e (re)pensar acerca das práticas de linguagem em tempos digitais” (Avelar; Freitas, 2020, p. 60). Novas práticas de

linguagem digital, dentro das ferramentas disponíveis ao processo ensino/aprendizagem, podem diminuir a distância entre professor/a e estudante e dinamizar o processo de leitura e escrita. A questão é que parte das/os profissionais não está preparada para atuar no mundo digital. Muitas/os professoras/es sentem-se inseguras/os em relação ao trabalho com recursos digitais, na medida em que as tecnologias, embora auxiliem no processo educativo, não substituem a presença física do/a professor/a.

Esse é o entendimento da Professora 1 (2020): “A gente precisa ter essa interação aluno e professor. Em uma semana, a gente mudou o perfil da nossa aula”. De forma repentina, toda a comunidade escolar viu-se diante de uma série de mudanças na forma de dar suas aulas, planejar, comunicar e compartilhar conhecimentos por meio das tecnologias digitais. Além disso, “novos efeitos sociais e culturais são produzidos, emergindo, portanto, a necessidade de se aprender a navegar por meio delas” (Avelar; Freitas, 2020, p. 60).

No estado de Goiás, não foi diferente. Professoras/es tiveram que aderir à mudança, aceitar a conhecida expressão ‘o novo normal’ e trabalhar. A necessidade de utilizar recursos virtuais foi um desafio para muitas/os professoras/es, tendo em vista que aprender a lidar com a câmera do celular, tripés e eslaides foi algo que se tornou, de repente, muito comum no cotidiano dessas/es profissionais. Muitas/os se reinventaram e fizeram trabalhos excepcionais, ao passo que, para outras/os, a experiência das aulas remotas trouxe desgaste e desânimo. Atitudes diferentes foram necessárias, como mostra o relato da professora:

Tive que passar meu celular privado para os alunos tirarem dúvidas, que era algo que eu não fazia. A educação também se dá por afeto, então nesse período fica mais difícil, então estamos tendo que aprender diariamente em como dar a aula à distância. A gente está se reinventando (Professora 3, 2020).

Sem saber como lidar com essa dinâmica de aulas *on-line*, professoras/es passaram a trabalhar mais horas no dia, ficando à disposição da comunidade escolar. Dúvidas e horários de trabalho desencontrados propiciaram uma série de atravessamentos nesse mundo digital, trazendo cansaço e muito estresse para todas/os as/os envolvidas/os. Diversas/os profissionais excederam a sua

carga horária, pois não conseguiam desligar-se e atendiam mães, pais e estudantes mesmo fora do horário de trabalho. Portanto, sua rotina foi radicalmente transformada e tomada pelas incertezas do mundo virtual.

Neste relato, a professora conta sua experiência com gravações em casa:

Eu nunca tinha feito vídeos. E do nada me vejo gravando aulas. Peguei um tripé emprestado, uma luz, dessas de blogueira, mas nem sei montar elas, se eu desmontar, não sei como voltar. Tenho colegas que não sabiam montar um *power point* e tiveram que aprender (Professora 4, 2020).

As necessidades emergenciais acabaram considerando que as/os professoras/es já tivessem plena desenvoltura com muitas metodologias adotadas no sistema *on-line*, tais como montar um eslaide, usar o computador e o aparelho celular, enviar *e-mails*, fazer uso de aplicativos digitais, utilizar o *Google* para pesquisa, dentre outras. Contudo, uma quantidade significativa de profissionais sofreu com o impacto das tecnologias digitais nas suas aulas.

Algumas/uns professoras/es, principalmente de ensino superior, já conheciam a modalidade de ensino a distância (EAD) e não foram tão surpreendidas/os pelos desafios da era digital. Mesmo assim, a maioria percebeu o 'novo normal' como um grande desafio, como relatou a professora:

Eu sou professora presencial e de EAD, mas aquele ensino a distância no qual a gente só dá o suporte através dos conteúdos e de alguns vídeos gravados, não é uma assistência online como é agora, então é tudo novo (Professora 2, 2020).

Não se tratou somente do fato de repentinamente inserir a tecnologia no processo ensino-aprendizagem. Além de aderir às tecnologias digitais, foi preciso compreender todas as questões que permeiam essa modalidade de ensino: todas as dificuldades, sobretudo em tempos de pandemia, em que muitas famílias tiveram que lidar com incertezas, a situação financeira, a saúde mental e física, além das notícias que assolavam o mundo, o número de pessoas que perderam suas vidas por causa da doença ou pelas complicações ocasionadas por ela. Saber lidar com essas questões não foi uma tarefa fácil.

Diante de todas as incertezas e problemas que a pandemia trouxe, pensar em aulas em tempo real e na mesma quantidade de horas não era apropriado, tendo em vista que a forma de aprender por meio digital pode ser mais cansativa e menos produtiva e que é necessário ter bom senso (por exemplo, as/os estudantes nem sempre têm o celular no momento da aula em casa). A Professora 4 (2020) comentou essa questão: “Não posso recusar as tarefas daquele aluno pelo fato dele não ter condições de fazer dentro de um horário por não ter acesso a tecnologias”.

O apoio familiar, nesse contexto de aprendizagem por meio de tecnologias digitais, foi de fundamental importância, mas muitas/os mães, pais e responsáveis não tinham essa disponibilidade durante o dia, tendo muitas vezes que dividir não só o celular, mas a atenção entre as/os demais estudantes dentro da casa. Diferentes séries, pensamentos e formas de aprender são questões com que várias famílias tiveram que aprender a lidar.

Muitos princípios adotados na modalidade presencial tiveram que ser revistos, na medida em que o fato de as/os estudantes muitas vezes não poderem acompanhar a aula em tempo real dificultava algumas práticas antes adotadas em sala de aula. Todavia, mesmo diante de tantas dificuldades, as professoras reconheceram a parte interessante do processo, de aprender a lidar com as mídias digitais. Mas sabiam que nem todas/os as/os estudantes eram atendidas/os: “Muito bom testar novas mídias, novas didáticas, mas também é muito difícil alcançar todos os alunos, dar a mesma oportunidade a todos”, relatou a Professora 4 (2020). Se, na escola, com a presença de professoras/es para olharem de perto cada dificuldade das/os estudantes, já era difícil atender toda a demanda com um ensino de qualidade, orientá-las/os por meio de mensagens de áudio e vídeo tornou-se algo ainda menos acessível.

Muito se discutiu sobre como levar para as/os estudantes as explicações de modo a não terem nenhum prejuízo, mas infelizmente fazer essa ponte entre escola e estudante não é um processo simples. Ferramentas importantes destacaram-se e emergiu uma nova forma de ver o mundo, as aulas e as pesquisas. Uma das ferramentas fundamentais nesse tempo de ensino remoto foi o *Google*, ao permitir que tanto estudantes quanto professoras/es fizessem suas pesquisas e dinamizassem seus estudos e trabalho. O *Google*

oferecia/oferece “uma série de serviços e produtos *online*, o que cumpre a missão, determinada pela empresa [de] organizar a informação mundial e torná-la universalmente acessível e útil” (Ribeiro; Novais, 2012, p. 116). Há tempos que não se utilizavam enciclopédias ou dicionários impressos para as pesquisas, pois estudantes e professoras/es já tinham aderido à prática das pesquisas *online*. O que não se sabia é que isso se tornaria (ou deveria se tornar) algo corriqueiro durante o dia a dia de estudos.

Parece-nos que falta à/ao docente multiletramento para lidar com determinadas situações em contexto escolar. Segundo Andrade e Dias (2023, p. 2), os multiletramentos são essenciais e tornam-se “uma questão de ação coerente com a realidade na qual os estudantes estão inseridos” e, pensando nas práticas sociais contemporâneas nas quais as/os jovens e adolescentes estão inseridas/os, é preciso considerar que algumas práticas cânones “consideradas únicas adequadas ao ambiente escolar, não condiz[em] mais com a realidade da inserção dos estudantes na cultura digital e nas potencialidades das tecnologias digitais” (Andrade; Dias, 2023, p. 2).

Nesse sentido, importante se faz a reflexão sobre o fato de que, muitas vezes, falta à/ao docente um tipo de letramento específico, o letramento digital. Assim, em algumas situações, o letramento digital (ou a falta dele) se torna um impeditivo para o/a professor/a propor e realizar atividades que rompam com uma prática cânone e analógica.

Considerando a era da nova tecnologia, é possível inferir que estamos inseridos em um processo de formação permanente. [...] vivemos em uma era permeada por avanços tecnológicos significativos. Nesse cenário, é essencial compreender que o processo de formação e aprendizado não se restringe mais aos ambientes escolares tradicionais. Ao contrário, é cada vez mais frequente o uso das tecnologias digitais para ampliar e enriquecer os conhecimentos (Conceição; Ghislani, 2023, p. 137).

Levando-se em consideração essa nova era, subentende-se que a incorporação das novas tecnologias nos processos educacionais eliminaria, por si só, as barreiras geográficas, possibilitando aos estudantes a participação ativa no seu desenvolvimento educacional sem sair de casa (Conceição; Ghislani,

2023, p. 137), porém, diante do panorama apresentado pelas professoras, foi possível perceber que aderir à modalidade *on-line* nas aulas não foi fácil e que tal adesão constituiu um desafio não somente para o/a professor/a, mas também para estudantes e seus familiares que, de repente, viram-se diretamente envolvidos com a aprendizagem das/os filhas/os. O letramento digital, podemos concluir, era necessário não somente às/aos docentes, mas a toda comunidade acadêmica.

Considerações finais

Neste artigo, foram verificados alguns relatos de professoras do Distrito Federal e de Goiás dos meses de abril e junho de 2020, e foi possível compreender que a experiência foi desafiadora para elas. Os relatos deixam claro que as/os profissionais da educação não estavam digitalmente preparadas/os para uma prática pedagógica que transcendesse a sala de aula presencial, com os recursos que sempre foram utilizados. Tecnologias digitais não substituem a presença de um/a professor/a, sobretudo na educação básica (haja vista que o ensino superior já trabalha com o sistema de aulas por meio da modalidade virtual, em cursos à distância), porém, no momento em que vivemos, o letramento digital é imprescindível para que as práticas pedagógicas acompanhem o desenvolvimento das novas tecnologias e para que essas práticas não se tornem absolutamente obsoletas diante de um público cada vez mais inserido no mundo digital.

Buscamos ainda, neste artigo, elencar os desafios e dificuldades nas aulas *on-line*, a partir de experiências individuais de docentes. Os relatos apontaram para um cenário educativo permeado de dificuldades e incertezas – algumas profissionais pensaram em desistir, outras recorreram a gravações de aulas realizadas com o tradicional recurso da lousa. Como foi ressaltado no início, o aparelho celular, proibido por muitos regimentos internos das escolas, passou a ser um importante recurso nas práticas de ensino. Além disso, algumas/uns professoras/es, embora sem auxílio dos dirigentes

governamentais, utilizavam o seu número particular para tratar de assuntos pertinentes às aulas.

Um relato que chama atenção é o de uma professora que, mesmo não tendo muita prática com aparelhos tecnológicos, conseguiu aperfeiçoar seus vídeos e torná-los mais atraentes para as/os estudantes com o uso de um tripé e de luz. Outras, que já conheciam o ensino a distância, não tiveram muitas dúvidas e passaram por uma experiência menos complexa, embora nova.

Em muitos lugares, as aulas não puderam ser em tempo real, pois estudantes de baixa renda, que não tinham aparelho celular, contavam com o aparelho de algum familiar para fazer as atividades. Isso no período da noite, quando os pais chegavam do trabalho. Muitas famílias ainda tinham que dividir o aparelho entre várias/os irmãs/ãos que cursavam séries diferentes. Por esse motivo, conforme Moran (2020), a desigualdade de acesso ao digital foi escancarada nesse período de pandemia e as aulas não puderam ser iguais para todas/os.

Diante do que foi relatado pelas professoras, podemos afirmar que as opiniões sobre o contexto das aulas remotas são muito distintas e a re(configuração) da/o profissional mostra principalmente: professoras que tiveram muitas dificuldades com a modalidade *on-line*; professoras que tiveram dúvidas, mas tentaram se superar, pois tratava-se de algo novo; docentes que gostaram de desenvolver sua prática com o uso das mídias digitais, mas sabem que o ensino não chega a todas/os por vários fatores.

Felizmente, o fim da pandemia foi decretado pela OMS em 05 de maio de 2023. Na ocasião, todas as instituições escolares já haviam retomado as atividades presenciais. Desse tempo, profissionais da educação incluíram em sua bagagem de experiências os grandes desafios vivenciados e um certo domínio em ferramentas digitais voltadas à educação, como o uso de aplicativos para pesquisas, para a preparação de eslaides, para o planejamento de aulas com algum tipo de interação digital por parte das/os estudantes etc., que podem, mesmo na modalidade presencial, favorecer muito o processo ensino-aprendizagem. Ainda assim, é indispensável que eles “estejam atualizados e capacitados para explorar as potencialidades das tecnologias digitais, incorporando-as em suas práticas pedagógicas” (Conceição; Ghisleni, 2023, p.

137). Em outras palavras, é necessário que o letramento digital seja uma constante na formação docente, pois isso amplia as oportunidades de aprendizado, inserindo a educação e seus atores nos padrões tecnológicos atuais.

Notas

* Doutoranda em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Catalão (PPGEL/UFCAT). Professora da rede municipal de Jussara-GO. alinmoreiradafonseca@gmail.com

** Doutoranda em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Catalão (PPGEL/UFCAT). Professora da educação básica da rede estadual de ensino de Goiás. elisladeirama@gmail.com.

*** Pós-doutora em Língua Aplicada pela Universidade de Brasília (UNB). Professora Adjunta do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Catalão (IEL/UFCAT). anairvalenia@ufcat.edu.br.

Referências

ANDRADE, Elisângela Ladeira de Moura; DIAS, Anair Valênia Martins. Quadrinhos na escola: propostas de multiletramentos. **Fólio - Revista De Letras**, [S. l.], v. 14, n. 2, 2023. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/folio/article/view/12576>. Acesso em: 12 jun. 2023.

AVELAR, Michely G.; FREITAS, Carla C. (Re)pensando as práticas de linguagem em tempos digitais. 2020. *In*: FREITAS, Carla C.; BROSSI, Giuliana C.; SILVA, Valéria R. (org.). **Políticas e formação de professores/as de línguas: o que é ser professor/a hoje?** Anápolis: Ed. UEG, 2020. p. 59-68.

CASTRO, Milena. Educação a distância em tempos de pandemia: veja relato de estudantes e professores do DF. **G1**, 15 abr. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2020/04/15/educacao-a-distancia-em-tempos-de-pandemia-veja-relato-de-estudantes-e-professores-do-df.ghtml>. Acesso em: 02 jun. 2023.

CONCEIÇÃO, Elizete de Fatima Veiga da; GHISLENI, Taís Steffenello. Do conceito de letramento digital à sua inserção no ambiente acadêmico. **Revista Educação e Linguagens**. Campo Mourão, v. 12, n. 23, p. 135-160, jan./jun. 2023.

CORRÊA, Manoel Luiz Gonçalves. Letramento e heterogeneidade da escrita no ensino de português. *In*: SIGNORINI, Inês (Org.). **Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001, p. 135-166.

DUDENEY, Gavin; HOCKLY, Nicky; PEGRUM, Mark. **Letramentos digitais**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

FRANCO, Maria Amélia do Rosario Santoro. Prática pedagógica e docência: um olhar a partir da epistemologia do conceito. **Rev. Bras. Estud. Pedagog.** [online]. v. 97, n. 247, p. 534-551, set./dez. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbeped/v97n247/2176-6681-rbeped-97-247-00534.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2023.

JUNQUEIRA, Michelle Asato; ANDREUCCI, Ana Cláudia Pompeu Torezan. Pandemia, educação infantil e ensino remoto: normativas, realidades, impactos e projeções para o desenvolvimento de crianças brasileiras na primeira infância. In: PUGA, Bruna Azzari *et al.* (orgs.). **Os novos desafios das políticas públicas e da cidadania na era digital**. São Paulo: D'Plácido, 2022. p. 69-86.

KALANTZIS, Mary; COPE, Bill; PINHEIRO, Petrilson. **Letramentos**. Trad. Petrilson Pinheiro. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2020.

MORAN, José. A culpa não é do online: contradições na educação evidenciadas pela crise atual. **Blog Educação Transformadora**, jun. 2020. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/moran/?p=1506>. Acesso em: 26 jun. 2023.

PAULA, Maria Aparecida Martins de. A importância da divulgação científica para as políticas públicas de saúde na era digital. In: PUGA, Bruna Azzari *et al.* (orgs.). **Os novos desafios das políticas públicas e da cidadania na era digital**. São Paulo: D'Plácido, 2022. p. 87-110.

RIBEIRO, Ana Elisa. **Escrever, hoje**: palavra, imagem e tecnologias digitais na educação. São Paulo: Parábola, 2018.

RIBEIRO, Ana Elisa; NOVAIS, Ana Elisa C. (org.). **Letramento digital em 15 cliques**. Belo Horizonte: RHJ, 2012.

SANTANA, Vitor. Professoras falam sobre adaptação para dar aulas virtuais durante pandemia e citam “incertezas e improvisos”. **G1**, 6 jul. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/go/goias/noticia/2020/07/06/professoras-falam-sobre-adaptacao-para-dar-aulas-virtuais-durante-pandemia-e-citam-incertezas-e-improvisos.ghtml>. Acesso em: 02 jun. 2023.

VALÊNIA, Anair. Compartilhamento de modos de vida: hibridação cultural e linguagem no ensino de língua portuguesa. In: DE PAULA, Maria Helena; XAVIER, Vanessa Regina Duarte. **Estudos da linguagem em abordagens multiculturais**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2020. p. 39-60.